

A ÁFRICA NEGRA E O MOVIMENTO DE SOLIDARIEDADE DOS POVOS AFRO-ASIÁTICOS

DAVID KIMCHE, DA UNIVERSIDADE DE TEL-AVIV

A Organização da Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos (AAPSO) é atualmente a única expressão institucionalizada do afro-asiatismo. É ainda a única organização política de caráter permanente, hoje existente, que abrange os dois Continentes e pondo de parte as reuniões regulares, mas informais, das delegações africanas e asiáticas nas Nações Unidas, não existe nenhum outro instrumento político formalizado que expresse a solidariedade afro-asiática. A AAPSO é, além disso, uma das poucas organizações políticas que transcendem os limites do Continente africano, onde os africanos desempenham um papel importante. Na verdade, a primeira grande conferência internacional havida sobre solo africano foi a da AAPSO, realizada em Conakry em abril de 1960. É, pois, importante que os estudiosos do quadro político da África contemporânea tenham alguns conhecimentos acerca dessa organização e, particularmente, do papel nela desempenhado pelos africanos.

BANDUNG E A AAPSO

O que é a Organização da Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos? De modo bem significativo, não foi ela originalmente concebida nem na Ásia nem na África, mas na cidade européia de Estocolmo durante uma conferência da World Peace Organization, efetuada em junho de 1954. A data não é menos significativa, pois apenas dois meses antes o Primeiro Ministro da Indonésia propusera a convocação de uma conferência ásioc-africana de chefes de Estado, proposta que foi concretizada um ano depois, em abril de 1955, quando os representantes de vinte e nove Estados asiáticos e africanos se reuniram na cidade de Bandung, na Indonésia.

A WPO se reunira em Estocolmo para um "Sessão em prol do Relaxamento das Tensões Internacionais". Os problemas asiáticos estavam então na ordem-do-dia. A guerra da Indochina chegara ao seu auge;

N.R. Traduzido de *Asian and African Studies*, Annual of the Israel Oriental Society, Vol. 4, Jerusalém, 1968.

N.R. — Este ensaio foi baseado num estudo a ser apresentado como tese doutoral á Universidade Hebraica. A pesquisa foi feita sob a supervisão do Dr. Harold Zvi Schiffrin e Dr. Nehemia Levtzion, da Universidade Hebraica e sob os auspícios do Reuven Shiloah — Research Center, da Universidade de Tel-Aviv.

* O termo "africano" usado neste trabalho refere-se à África ao Sul da Saara.

o confronto sino-americano através do Estreito de Formosa ameaçava transformar-se em um conflito armado; as primeiras tentativas para um pacto anti-comunista de defesa do sudeste da Ásia já haviam sido feitas pelos Estados Unidos⁽¹⁾. As delegações decidiram em Estocolmo que tais problemas deveriam ser discutidos em uma conferência de povos asiáticos combatentes pela paz. Posteriormente, a Conferência Asiática para Alívio da Tensão Internacional (Asian Conference for the Easing of International Tension – ACRIT) reuniu-se em Nova Déli a 6 de abril de 1955, menos de duas semanas antes da abertura da Conferência de Bandung. Intencionalmente ou não, a ACRIT foi por muitos interpretada como uma tentativa dos comunistas para estabelecer uma base de referência para Bandung. Alguns até mesmo acreditavam que tal reunião fôra realizada com o fim de anular a conferência ázio-africana⁽²⁾. Se tal foi o objetivo dos organizadores, falharam completamente pois a conferência de Nova Déli passou quase despercebida em todos os países, menos nas nações comunistas. Contudo, a conferência de Nova Déli teve uma importância própria pois enquanto a de Bandung fracassava, sem lograr estabelecer as bases de uma organização permanente, a de Nova Déli fazia nascer uma organização que, eventualmente, veio a se desenvolver – a AAPSO. Uma das resoluções da conferência exigia a criação de uma organização que seria provisoriamente conhecida como Comitê da Solidariedade Asiática (Asian Solidarity Committee) cujo fim era o de estender suas atividades por toda a Ásia por meio da instalação de Comitês Nacionais de Solidariedade⁽³⁾.

Em fins de 1956, 14 Comitês haviam sido instalados na Ásia, sendo os mais ativos o da Índia, o da China Comunista e o da União Soviética⁽⁴⁾. Com a excessão dos Comitês dos países comunistas, os demais não eram necessariamente dirigidos por comunistas. Estes, porém, controlavam os órgãos dirigentes dos mesmos⁽⁵⁾. As atividades dos comitês eram coordenadas pela Secretaria da Solidariedade Asiática, que regularmente se reunia em Nova Déli. Durante uma dessas reuniões, realizada em 29 de dezembro de 1956, foi decidido ampliar-se a área de ação da Organização até a África, persuadindo-se os egípcios a patro-

(1) A SEATO foi formalmente criada durante a Conferência de Manila, a 8 de setembro de 1954.

(2) Vide, por exemplo, P. Queuille, *Histoire d'Afro-Asiatisme jusqu'à Bandoung*. Paris, 1965, p. 282; também A. Conte, *Bandoung tournant de l'histoire*, Paris, 1965, p. 43.

(3) A conferência de Nova Déli contou com a participação de 18 delegações entre as quais se destacava a soviética. Os russos, que não haviam sido convidados para a de Bandung, já declaravam, nesta primeira fase, que se consideravam parte da Ásia, e tal circunstância foi salientada pela imprensa soviética ao publicar notícias sobre a Conferência.

(4) *The Times*, Londres, 24 de dezembro de 1957. Vide também H. Jack, *Cairo, the Afro-Asian Peoples Solidarity Conference*, Chicago, 1958, p. 9.

(5) Nesse sentido, afirma Guy Wint no *Burma Star*, Rangoon, 30 de novembro de 1957: "De um modo ostensivo, os comitês apresentam um corpo de associados amplo na sua composição. Eles procuram trazer para a Associação, parlamentares, escritores, professores de universidades e intelectuais. Os comunistas conservam-se na sombra. Porém, em muitos países eles conseguiram conciliar os pronunciamentos dos Comitês de Solidariedade com a tática do Partido Comunista."

cinarem uma conferência de Solidariedade Afro-Asiática. Uma missão de boa vontade foi para isso enviada ao Cairo, em fevereiro de 1957. Tal missão esteve com o presidente egípcio que, segundo fontes locais, deu o seu consentimento para a realização de uma Conferência de Povos Afro-Asiáticos, no Cairo ⁽⁶⁾.

Dessa maneira, a África foi lançada no Movimento de Solidariedade. Por sua parte, os egípcios mostraram-se entusiasmados. Em setembro de 1957, o seu comitê de solidariedade havia-se tornado tão bem organizado que convocou uma reunião preparatória, com a participação de vinte países, no Cairo, a fim de ultimar os preparativos para a conferência prevista. Emissários foram despachados para os países asiáticos e africanos para explicarem as finalidades da mesma; convites foram enviados, brochuras alusivas à solidariedade afro-asiática foram distribuídas, aos milhares; uma especial "semana da solidariedade" (de 1.º a 7 de dezembro de 1957) foi dedicada à difusão dos objetivos da conferência, salientando-se sempre que a mesma conservar-se-ia fiel aos princípios e ao espírito de Bandung.

A conferência do Cairo foi iniciada a 26 de dezembro de 1957 e à mesma estiveram presentes delegações de 44 países e territórios. Ela assinala a criação formal do Movimento de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos.

Esse movimento, como já vimos, não se originou da conferência de chefes de Estado de Bandung. Existe, no entanto, grande confusão sobre tal assunto, deliberadamente promovida pelos principais iniciadores do Movimento de Solidariedade que tinham interesse em explorar o enorme prestígio que a conferência de Bandung obtivera ⁽⁷⁾. Na conferência do Cairo, a maior parte dos oradores relacionava o acontecimento com a conferência de Bandung. O espírito e princípios de Bandung foram mencionados nas mensagens congratulatórias enviadas por Mao Tse Tung, Ho Chi Minh, pelo Prof. Frédéric Joliot-Curie, presidente do Conselho de Paz Mundial, e na mensagem da Assembléia Nacional do Egito. A declaração de Anwar al-Sadat, que atuou como presidente da conferência, de que "hoje esta conferência de povos se reúne para saudar e levar avante o espírito de Bandung", foi típica da maioria dos oradores que o seguiram.

No entanto, a conferência do Cairo foi bem diversa da de Bandung. Enquanto a conferência da Indonésia fora composta de delegações ofi-

(6) *The Scribe*, Cairo, Inverno de 1957-58, p. 17. Vide também um artigo de Mursi Sa'd al-Din, diretor técnico do Secretariado Permanente da AAPSO no Cairo, no *Evening News*, Gana, Acra, 30 de abril 1965. Vide também *The Afro-Asian Solidarity Committee*, Saigon, 1959, p. 73: "O Presidente Nasser aceitou esta sugestão na ilusão de que seria o líder do bloco afro-asiático."

(7) O diário *The Nation*, de Rangoon, escreveu, por exemplo, a 25 de novembro de 1957: "A menos que os desprevenidos se iludam com o termo afro-asiático que está sendo aplicado para uma conferência que brevemente será realizada no Cairo, pensamos ser oportuno ressaltar que tal conferência nada tem a ver com a célebre Conferência Afro-Asiática efetuada em Bandung, em 1955... O emprêgo do mesmo nome é, naturalmente, uma mudança inteligente por parte dos simpatizantes que estão patrocinando a reunião e esperam utilizar o prestígio de Bandung."

ciais, a maior parte das quais dirigidas por chefes de Estado, a do Egito foi uma conferência de povos, representando não os governos, mas povos. Aos olhos dos organizadores da conferência, muitos dos governos de países africanos e asiáticos não eram os verdadeiros representantes do povo: ou antes tinham sido instalados com o auxílio dos imperialistas e suprimiam os verdadeiros representantes, isto é, as forças progressistas. Dessas forças, algumas constituíam partidos de oposição consentidos, outras haviam sido forçadas a desaparecer ou exilar-se. Algumas se fracionaram e, além de se acharem em oposição aos seus governos, criaram dissidências internas. Dessa forma, a questão de quem era e quem não era representante do seu povo não era simples; efetivamente tal questão foi resolvida pelo Comitê Preparatório do Cairo e posteriormente pelo Secretariado da AAPSO, os quais atuaram como juizes de todos os movimentos ou partidos que solicitaram adesão. Apenas os países considerados progressistas eram representados por delegados escolhidos por seus governos. Assim, os países comunistas e outros como a Indonésia, o Egito, a Síria, o Sudão, a Guiné e Gana. A maior parte dos africanos que compareceu à conferência do Cairo achava-se ou exilada ou representada por movimentos nacionalistas clandestinos. Salientando-se entre êsses a poderosa delegação da Union de Peup!es Camerounais, criada por Félix Moumié, e a dos ugandenses, dirigida por John Kale que, até sua morte, numa colisão de aviões na União Soviética, em 1961, seria um dos mais eificientes participantes africanos da AAPSO.

O fato de delegações representarem no Cairo movimentos de esquerda ou anticolonialistas deu à primeira assembléia da AAPSO uma uniformidade de opiniões que não existiu em Bandung. Pois a conferência de Bandung não foi a manifestação unânime de sentimentos antiocidentais que muitos pensaram haver sido. Houve, realmente, uma divisão bem equilibrada entre os regimes pró-ocidentais e antiocidentais representados em Bandung, com países como a Turquia, o Paquistão, a Tailândia e as Filipinas (membros da NATO ou da SEATO), liderando o campo pró-Occidente que incluía ainda a Libéria, a Etiópia, a Líbia, o Iraque, o Líbano, o Irã e o Ceilão⁽⁸⁾. Um ataque feito ao colonialismo chegou a provocar uma reação com a mesma veemência contra o "colonialismo socialista" por parte do primeiro-ministro do Ceilão, Sir John Kotewala⁽⁹⁾. Realmente, pelo fato de haver tais divergências entre os delegados, a conferência de Bandung não chegou a ser institucionalizada sob a forma de uma organização permanente⁽¹⁰⁾.

(8) Vide C.P. Romulo, *The Meaning of Bandung*, N. Carolina Press, 1956, pp. 3-4. O General Romulo chefiou a delegação das Filipinas em Bandung.

(9) Vide Sir John Kotewala, *An Asian Prime Minister's Story*, Londres, 1956, p. 187.

(10) Os egípcios, pelo menos, esperavam naquela ocasião que as conferências do tipo da de Bandung se tornassem freqüentes. O delegado ganense em Bandung, Kojo Botsio, relatou num comício, quando do seu retorno a Acra, que o Coronel Abd al-Nasir se tinha oferecido para ser o anfitrião quando da próxima conferência que, provavelmente, reunir-se-ia no Cairo, nos próximos doze meses. Vide *Ghana Evening News*, Acra, 17 de maio de 1955.

Não houve tais divergências na AAPSO. Seus delegados cerraram fileiras em defesa de certos preceitos fundamentais, o mais básico dos quais foi uma oposição implacável ao colonialismo e imperialismo ocidentais. Nas palavras do ugandense John Kale, "a firme convicção ideológica de uma organização é a principal força de coerência que a conserva unida... este movimento deve ser edificado sobre uma base comum de união-antiimperialismo como pedra fundamental⁽¹¹⁾. O passado colonial comum foi considerado o denominador sobre a qual poder-se-ia estabelecer a solidariedade entre a África e a Ásia e, como consequência quase natural, o desejo comum de participar na luta contra o colonialismo e o imperialismo tornou-se a base sobre a qual se estabeleceu a *ideologia* dessa solidariedade afro-asiática. Na conferência do Cairo não houve um só orador que não tivesse algo a dizer sobre tal assunto. Anwar al-Sadat disse-o bem claramente em seu discurso: "Todos nós presenciamos uma história de imperialismo e exploração e somos sócios de uma luta e de um futuro"⁽¹²⁾. Felix Mounié fez um apêlo a todos os países livres da África e Ásia no sentido de ajudarem os povos que ainda lutam pela liberdade⁽¹³⁾.

A definição da AAPSO foi assim, desde o começo, a de um anticolonialismo militante. Foi, como salientou Kale, um admirável denominador comum. E foi bem aceita pelos comunistas, por causa de seu claro conteúdo antiocidental e, ao mesmo tempo, por ser um apêlo ao qual todos os verdadeiros nacionalistas africanos responderiam. A iniciativa comunista de criar a AAPSO mediante o patrocínio da Organização de Paz Mundial foi rapidamente esquecida e anulada por três fatores, cada qual contribuindo para dar ao movimento a impressão de um afro-asianismo legítimo: a adesão completa à conferência de Bandung e tudo que ela significava, o apêlo a elementos nacionalistas em prol da libertação de toda a Afro-Ásia do colonialismo e, como terceiro, o fato de o Cairo e não uma Capital comunista ter sido escolhida para sede central da AAPSO e um egípcio haver sido eleito seu secretário-geral⁽¹⁴⁾.

Os egípcios tinham suas próprias razões para se apoiarem no Movimento de Solidariedade. Pelos fins de 1957, estavam empenhados em um ativo programa de política externa. Um dos aspectos básicos dessa política era de ampliar e aprofundar a influência egípcia na Afro-Ásia e particularmente no mundo árabe e nos países africanos. Em 1957, os egípcios tomaram consciência do Continente africano e do papel que poderiam representar no mesmo, em vista de sua posição avançada, comparada à de qualquer outro país do Continente, excetuando-se a África do Sul. Além disso, o presidente Abd al-Nasir quis colocar o Egito no mapa mundial como uma força com que se pudesse contar. Dessa for-

(11) Pronunciadas durante a Segunda Conferência da AAPSO, realizada em Conakry, abril de 1960.

(12) *Afro-Asian Peoples Solidarity Conference, Cairo*, Moscou 1958, p. 48. Vide também *The Scribe*, Inverno de 1957-58, p. 18.

(13) *Afro-Asian Peoples' Solidarity Conference*, *ibid.*, p. 100.

(14) Yusuf al-Sibai, escritor egípcio que ocupa tal posto ainda hoje.

ma, a oferta de transformar o Cairo no centro do Movimento Afro-Asiático deve-lhe ter sido extremamente tentadora. Por tais razões os egípcios concordaram em tornar-se um dos principais organizadores e promotores da Organização de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos. Eles, juntamente com os russos e os chineses, asseguraram a maior parte do orçamento da organização; orientaram o secretariado da mesma e forneceram-lhe o pessoal técnico até hoje; em conjunto com os russos e chineses, guiaram as atividades da Organização o mais eficientemente possível.

A Conferência do Cairo terminou por uma declaração geral e uma grande quantidade de resoluções, muitas das quais tratavam diretamente de questões africanas. As resoluções políticas *inter alia* condenavam o imperialismo na República dos Camarões, em Quênia, em Uganda, no Chade, no Togo, em Madagascar e na Somália. Contudo as resoluções mais importantes talvez tenham sido as que trataram dos aspectos estruturais do Movimento de Solidariedade. Declararam especificamente que a Conferência, compreendendo a importância de continuar e de desenvolver a solidariedade entre os povos afro-asiáticos, resolve fundar uma organização permanente com os seguintes propósitos:

1 — cumprir e fazer cumprir as resoluções e recomendações da Conferência;

2 — promover e fortalecer o movimento de solidariedade afro-asiático em todos os países dos dois Continentes;

3 — atuar como elemento de ligação permanente entre os comitês de solidariedade que sejam criados em todos os países da África e da Ásia.

Ainda mais, a conferência decidiu que a organização permanente possuiria um Conselho de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos, no qual cada país fôsse representado por um delegado. Tal Conselho seria convocado ao menos uma vez por ano. Haveria ainda um secretariado permanente sediado no Cairo, constituído por um secretário-geral e dez secretarias. O secretário-geral seria nomeado pelo Egito e os dez secretários pela República dos Camarões, Gana, Sudão, China, Índia, Indonésia, Iraque, Japão, Síria e URSS.

Essas decisões sobre a organização foram imediatamente postas em prática. A Conferência do Cairo deu origem a uma série de comitês, conferências, instituições e organizações associadas à AAPSO.

O PAPEL DOS AFRICANOS NA AAPSO

Em tôdas essas atividades representaram os africanos um papel diminuto. Em primeiro plano, achavam-se os comunistas e os egípcios, seguidos de perto pelas delegações da Índia, Indonésia e países árabes. Dos africanos apenas os dois já mencionados — o UPC, de exilados da República dos Camarões, e John Kale que dirigiu o Uganda Office, no Cairo, representaram um papel proeminente desde o início. Os ganen-

ses, de quem se esperava uma participação ativa em tal organização militante, não se empenharam. Em março de 1957, apenas um mês após o Secretariado da Solidariedade Asiática ter enviado uma missão ao Presidente Adb al-Nasir, Nkrumah anunciou sua intenção de realizar o Primeiro Congresso Nacionalista Pan-Africano, em Acra. Segundo as palavras de Colin Legum, "poucas semanas após a divulgação da notícia começam a ser expedidos constantes convites do Cairo concitando os governos africanos e asiáticos e os líderes nacionalistas à Conferência de Solidariedade dos Povos da África e Ásia. Para muitos, isto deu a entender que o Coronel Nasser estava tentando obter alguma vantagem" (15). Os ganenses não ocultaram suas suspeitas sobre a AAPSO. Só ocuparam seu posto no Secretariado após muitos meses de ausência e falaram, abertamente, da "desnignificação" do movimento. Nkrumah e seu governo estavam mais interessados nas questões pan-africanas do que num movimento mais amplo de solidariedade afro-asiática.

Mas o que houve com o resto da África? Como o movimento já estivesse a criar raízes, um número crescente de africanos foi atraído para sua órbita, seduzidos por seu anticolonialismo militante e seu brado de liberdade e independência, para todos os povos subjulgados da África e da Ásia. Na terceira conferência geral da organização realizada em Moshi, Tanganica, em fevereiro de 1963, os seguintes países ou territórios da África negra tinham-se tornado membros da AAPSO: Angola, Basutolândia, Burundi, Camarões, Chade, Congo (Brazzaville), Congo, Daomé, Etiópia, Somália Francesa, Gana, Guiné, Costa do Marfim, Quênia, Libéria, Madagascar, Mali, Moçambique, Nigéria, Rodésia do Norte, Niassalândia, Guiné Portuguesa, Ruanda, Senegal, Serra Leoa, Somália, Rodésia do Sul, África do Sul, Sudoeste Africano, Sudão, Tanganica, Togo, Uganda, Alto Volta e Zanzibar. Além disso movimentos de todos os países da África setentrional foram aceitos como membros. A relação é impressionante, porém ilusória. Os trinta e seis países acima mencionados podem ser divididos nas seguintes categorias:

(a) países representados por emissários dos seus governos: Burundi, Guiné, Quênia, Libéria, Mali, Ruanda, Uganda, Zanzibar;

(b) países representados pelo partido político predominante: Gana, Somália, Tanganica;

(c) territórios não-independentes (em 1963) representados por uma organização em luta pela independência: Angola, Basutolândia, Somália Francesa, Moçambique, Rodésia do Norte, Niassalândia, Guiné Portuguesa, África do Sul (do ponto-de-vista dos africanos), Rodésia do Sul, Sudoeste Africano;

(d) países representados por exilados ou por um partido oposicionista: Camarões, Chade, Congo (Brazzaville), Congo, Daomé, Costa do Marfim, Madagascar, Níger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa, Sudão;

(15) C. Legum, *Bandung, Cairo and Accra: A report on the first Conference of Independent African States*, London, African Bureau, 1958, p. 6.

(e) países que se haviam associado à Organização e que deixaram de participar das atividades da AAPSO após a primeira ou segunda Conferência: Chade, Daomé, Etiópia, Costa do Marfim, Serra Leoa, Togo, Alto Volta, Zanzibar (cujos membros compõem como parte da delegação da Tanzânia).

Essa divisão em grupos necessita de algum esclarecimento. Se examinarmos a participação dos africanos nos dois acontecimentos importantes da AAPSO, isto é, a sétima reunião do Conselho, realizada em Nicósia, em fevereiro de 1967, e a Conferência Tricontinental — para a qual foram convidadas tôdas as delegações da AAPSO — efetuada em Havana em janeiro de 1966, temos o resultado que se segue:

ANGOLA: representada pelo MPLA (Movimento Popular pela Libertação de Angola). Este movimento tem participado regularmente de tôdas as atividades da AAPSO, seu principal protagonista é Mário d'Andrade, que não tem perdido quase nenhuma conferência.

BECHUANA: recém-filiado à AAPSO, representado por membros do Partido Popular da Bechuanalândia.

BURUNDI: representado por uma delegação patrocinada pelo govêrno, denominada Federação dos Trabalhadores de Burundi e dirigida por Bigirimona.

CONGO (Brazzaville): desde a derrubada do govêrno Fulbert Youlou, o Congo tem sido representado por uma delegação patrocinada pelo govêrno, chefiada em Havana por Julien Boucambou, Vice-Presidente da Assembléia Nacional.

CONGO: representado pelo exilado Conselho Nacional de Libertação (CNL), cujos delegados foram Gaston Soumialot, o líder rebelde Edward Sumbu e Gabriel Yumbu, representante da CNL no Cairo. Em conferências anteriores, a CNL foi representada por Antoine Gizenga.

GÂMBIA: pela primeira vez, apresentou-se um representante de Gâmbia à Conferência da AAPSO na pessoa de Ibrahim Jahumba, durante a reunião do Conselho em Nicósia.

GANÁ: o principal representante de Gana na AAPSO foi, no passado, Nathaniel Welbeck, ex-ministro do Estado, que representou o antigo Partido de Convenção Popular de Nkrumah. Ele compareceu a Havana com John Pettegah, chefe da União Sindical Ganense. Porém em Nicósia não houve nenhum representante de Gana, já que o nôvo regime se havia afastado da AAPSO.

GUINÉ: um dos membros africanos mais ativos da AAPSO, a Guiné é regularmente representada por uma forte equipe de membros do Partido Democrático da Guiné (PDG). O delegado mais atuante tem sido Abdoulaye Diallo, Secretário-Geral do Ministério do Exterior da Guiné.

GUINÉ PORTUGUÊSA: representada regularmente pelo Partido Africano pela Independência, com sede em Conakry, cujo Secretário-Geral, Amílcar Cabral, tem sido uma das figuras de maior projeção nas conferências da AAPSO.

QUÊNIA: representada pelo partido predominante KANU. Embora sejam os delegados ordinariamente membros do Parlamento, os quenianos não enviaram, desde a terceira assembléia da AAPSO, em Moshi, que foi dirigida por Jomo Kenyatta, membros importantes do KANU, nem se mostraram muito ativos no seio da Organização. O ex-Vice-Presidente de Quênia, Odinga Oginga, dirigiu a delegação queniana na Segunda Conferência da AAPSO, em Conakry, e foi uma das figuras mais atuantes presentes à mesma.

LESOTHO: este país tem sido representado pelo Partido do Congresso da Basutolândia.

MADAGASCAR: após a primeira conferência não houve comparecimento de nenhum delegado de Madagascar até a reunião do Conselho em Nicósia, em 1967, quando uma certa Miss Rabesahala apresentou-se para atacar o regime de seu país.

MALI: representado por diferentes delegados escolhidos pelo governo e que não tiveram papel de destaque nas atividades da organização.

MOÇAMBIQUE: representado pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) com sede em Dar-es-Salaam e cujas delegações junto a AAPSO são chefiadas por Marcelino dos Santos.

NIGER: o Partido Sawaba, na ilegalidade, que encontrou apoio tanto em Acra, como em Bamako e no Cairo, representa o Niger. Durante as primeiras conferências, o líder do Sawaba, o bem conhecido chefe nacionalista do oeste africano e ex-Premier de Niger, Djibo Bakary, participou pessoalmente, mas nas atividades posteriores da AAPSO apareceram outros membros do extinto Sawaba, sem que causassem grande impacto.

NIGÉRIA: nenhum dos grandes partidos da Nigéria enviou representantes. O Congresso da Juventude Nigeriana e o Partido dos Trabalhadores Socialistas e dos Lavradores, de orientação esquerdista, estiveram presentes, embora nunca tivessem exercido parte ativa na organização.

RUANDA: François Rukeba, da União Nacional de Ruanda (UNAR), tem sido um delegado sempre presente.

SENEGAL: o extinto Partido Africano da Independência (PAI), de orientação esquerdista, com sede em Bamako, é membro da AAPSO, apesar de não participar regularmente dos trabalhos da mesma.

SOMÁLIA: outro país que não comparece com regularidade. Hassan Omei, que representou a Somália em Nicósia, é presidente do Comitê de Solidariedade, patrocinado pelo governo.

SOMÁLIA FRANCESA: representada por um exilado, Moubarak Ahmed Moubarak, que mora no Cairo e é apoiado pelos egípcios.

ÁFRICA DO SUL: representada pelo Congresso Nacional Africano (ANC), cujos delegados são exilados que vivem geralmente em Dar-es-Salaam ou no Cairo. O ANC segue, na maior parte dos debates da AAPSO, uma linha firme pró-soviética. Seus delegados, dentre os quais se destacam Robert Resha, Alfred Kgokong, Tennyson Makduane e M.

Piliso, acham-se entre os mais ativos delegados africanos da Organização de Solidariedade.

SUDOESTE AFRICANO: até depois da Conferência de Havana, o Sudoeste Africano foi representado regularmente por Jarir Kozonguizi, representante em Londres da União Nacional do Sudoeste Africano (SWANU). Kozonguizi, que seguia uma linha acentuadamente pró-chinesa, anunciou sua retirada temporária da política depois da reunião de Havana, e seu país passou a ser representado por outros membros da SWANU, em Nicósia.

SUDÃO: a representação sudanesa da AAPSO passou por vários estágios. A princípio, o governo militar do general Abbud enviou um representante oficial que, contudo, foi afastado, às pressas, quando o governo descobriu o forte sentido comunista existente na AAPSO. O Sudão foi daí em diante representado em diversas conferências por um exilado sudanês que morava em Pequim. Em Havana e Nicósia, o Partido Democrático dos Povos Sudaneses enviou Ali Abd al-Rahman como seu delegado.

SWAZILÂNDIA: recém-filiada à AASPO e representada pelo Partido Progresista da Swazilândia.

TANZÂNIA: representada regularmente por membros da TANU, partido dominante, o qual enviou Salim Rashid, Ministro das Finanças, para chefiar sua delegação à Conferência de Havana.

UGANDA: os ugandenses sempre estiveram entre as mais diligentes das delegações africanas. São geralmente representados por membros do Congresso dos Povos de Uganda, a mais extremada ala esquerdista no panorama político de Uganda.

ZÂMBIA: nos primeiros dias da AAPSO, a Rodésia do Norte foi representada por Kenneth Kaunda, atualmente presidente de Zâmbia. Porém, desde que Zâmbia se tornou independente, o governo perdeu todo interesse pela AAPSO, e Zâmbia é atualmente representada por membros mais novos da UNIP, o partido principal do país.

ZIMBABWE — (Rodésia do Sul): na segunda conferência da AAPSO, em Conakry, a delegação da Rodésia foi dirigida por Joshua Nkomo. Desde sua prisão na Rodésia, a União Popular Africana de Zimbábwe (ZAPU) tem enviado vários delegados, de menor importância, a fim de representarem seus interesses.

Dois países que certa vez figuraram com destaque na AAPSO estão ausentes da lista. Um deles é a República do Camarões, cuja extinta União dos Povo Cameruneses já foi uma das mais atuantes dentre todas as delegações africanas. Seus chefes, Felix Moumié, Osende Afana, Abel Kingue e Martha Moumié achavam-se entre os mais entusiastas propagandistas do movimento de solidariedade. A UPC, porém, foi impedida de tomar parte nas Conferências de Havana e Nicósia, após ter-se dividido em dois partidos hostis, um pró-chinês e outro pró-soviético. Pretendendo cada um dos grupos a representação da UPC, o secretaria-

do do Cairo decidiu que nenhum dos dois seria representado até que concordassem com uma representação única. O segundo país é a Libéria. O seu delegado, Dr. Johnson, recusou-se a seguir a linha militante anti-ocidental da organização. Como representante pessoal do Presidente Tubman, acompanhou a orientação do governo da Libéria, que era bem diferente da da AAPSO. Provavelmente foi esse o motivo de Dr. Johnson não haver comparecido nem a Havana nem a Nicósia.

Vemos assim que, em 1967, treze países africanos foram representados por delegados do governo ou representantes dos principais partidos, cinco territórios não-independentes foram representados por seus movimentos de libertação, nove países por partidos da oposição ou por exilados, enquanto quatorze países africanos não se fizeram absolutamente representar.

Tais números mostram a importância da participação africana na AAPSO. Contudo não lhe revelam o conteúdo. Vimos que, na primeira conferência da AAPSO, realizada no Cairo, em dezembro de 1957, os representantes africanos foram relegados a um papel secundário, sendo o único orador importante, entre eles, o falecido Felix Moumié, da República dos Camarões. Tal situação mudou na segunda assembléia da AAPSO, em abril de 1960, pelo simples fato de a conferência ter sido realizada em uma Capital africana, Conakry. Foi esta a primeira vez que uma conferência internacional de tal envergadura, que trazia tanta gente de fora, era realizada em um país africano e os delegados da África, assim como os espectadores da Guiné, sentiam-se orgulhosos e cônscios da importância de tal fato. Delegações de 49 países e territórios (uma delegação adicional compunha-se de refugiados da Palestina) assistiram à abertura da conferência na grande *trading-factory*, por detrás dos escritórios do Partido Democrático da Guiné, patrocinador da reunião. Cerca de quinhentas pessoas — delegados, observadores, jornalistas e convidados — encheram o grande barracão a fim de ouvir o discurso de abertura do Presidente Sekou Touré. A presença africana foi reforçada pela participação de personagens eminentes tais como Odinga Oginga, de Quênia, Joshua Nkomo, da Rodésia, Oscar Kambona, de Tanganica, Djibo Bakary, do Níger, Ismael Touré, o presidente guineense da reunião, por três fortes equipes de observadores, representando a Federação dos Estudantes da África Negra na França, a *Présence Africaine*, e o Comitê das Organizações Africanas. Contudo, uma vez mais, os trabalhos foram em grande parte dominados pelos comunistas, pelos asiáticos e pelos árabes. A maioria das resoluções havia sido previamente preparada pelo Secretariado do Cairo que, naquela época, era dominado pelo secretário-geral egípcio, Yusuf al-Sibai, pelo russo Sharaf Rashidov⁽¹⁶⁾ e pelo indiano pró-comunista, Dr. Malaviya. Nas comissões restritas, foram ainda, na maioria das vezes, os membros desses três países, juntamente com a forte delegação chinesa, os mais ativos. Das três delegações africanas mais atuantes, a da República dos Camarões (UPC) constantemente

(16) Na época da conferência, Rashidov era presidente da República Soviética Socialista do Usbequistão e Vice-Presidente do Presidium do Soviet Supremo da U. R. S. S.

seguia a direção chinesa, o ugandense John Kale agia em íntima concordância com os egípcios, enquanto os guineenses, como anfitriões, se achavam extremamente ansiosos por assegurar o êxito da conferência e assim se mostravam sempre prontos para impedir que qualquer divergência de opinião se desenvolvesse. As outras delegações africanas contentavam-se em assistir os colonialismos britânico e francês na África serem francamente condenados, e deixavam a iniciativa dos ataques a outros. Quanto aos ganenses constituíram-se como a ovelha negra da conferência. Fôsse por mero acidente ou propositadamente (embora se suspeite da última suposição), Nkrumah exigira uma conferência de "ação positiva" dos nacionalistas africanos a ser realizada em Acra, uma semana antes da assembléia de Conakry. A maior parte dos delegados africanos da AAPSO foi convidada para a reunião de Acra e, realmente por isso, chegaram atrasados a Conakry. Tal atitude da parte de Nkrumah causou grandes aborrecimentos em Conakry, especialmente aos guineenses e aos egípcios que a consideraram como um desafio de Gana à AAPSO, e uma tentativa feita por Nkrumah para assumir a liderança dos nacionalistas africanos. Talvez por tal razão Gana foi afastada do Secretariado da AAPSO do Cairo (juntamente com o Sudão) e substituída pela Guiné e pelo Congo (Leopoldville).

O choque principal ocorrido em Conakry foi entre chineses e egípcios. Aquêles pediram a transferência do Secretariado do Cairo e a eleição de um novo secretário-geral. Nas discussões subseqüentes, os egípcios, principalmente por intermédio de seu aliado Uganda, conseguiram atrair a maioria das delegações africanas para o seu lado, e o acôrdo final deixou tanto o secretariado como o pôsto de secretário-geral nas mãos dos egípcios, embora um comitê executivo de 27 membros, "para dirigir o secretariado", fôsse criado por sugestão dos chineses. Tanto os egípcios como os comunistas ficaram satisfeitos. Aquêles mantiveram sua influência predominante no Movimento de Solidariedade, continuando o Cairo como seu centro incontestável. Os comunistas, por sua parte, fortaleceram seu domínio sôbre os egípcios, estabelecendo o comitê executivo de contrôle e, ao mesmo tempo, mantiveram a unidade do movimento apesar da pressão de uma respeitável frente não-comunista, especialmente da parte dos egípcios. O compromisso tornou-se possível porque tanto os comunistas como os egípcios se achavam, cada qual por suas próprias razões, profundamente interessados no êxito da conferência e do Movimento de Solidariedade como um todo.

Porém, se os delegados africanos ainda não estavam desempenhando o papel principal no Movimento de Solidariedade Afro-Asiática, os problemas africanos assumiam uma importância cada vez mais predominante. 1960 foi o ano da África, durante o qual um número crescente de países obteve sua independência. As questões africanas e particularmente o problema do Congo excitavam as paixões do mundo inteiro. Esse desenvolvimento refletiu-se nas atividades da AAPSO que dirigia a onda de nacionalismo que varria o Continente africano. Mas o conteúdo que a AAPSO dera a tal desenvolvimento na África era extrema-

mente antiocidental. Típica foi a resolução sôbre o Congo, expedida pelo secretariado do Cairo por ocasião do "Dia da África", patrocinado pela AAPSO em dezembro de 1960: "Denúncia dos crimes cometidos no Congo pelas potências imperialistas, sob a proteção das Nações Unidas, e gratidão à RAU, Gana, Guiné, Mali, União Soviética, Índia, Indonésia e China pela sua atitude hostil ante as manobras do imperialismo belga-americano no Congo" (17). Resolução semelhante, condenando tanto os Estados Unidos como as Nações Unidas por suas atividades no Congo, foi aprovada durante a primeira reunião do comitê executivo, realizada em Beirute, em novembro de 1960 (18). Em janeiro de 1961, houve uma reunião de emergência do conselho no Cairo, assistida por 29 países, a fim de discutir os últimos acontecimentos no Congo e na Argélia. Anwar al-Sadat, que atuou como presidente, declarou: "Nossa decisão de lutar contra o imperialismo seja onde fôr, é firme" (19). Foi feito um apêlo no sentido de auxiliar-se, por todos meios, "o governo legal" do Congo na luta contra os "colonialistas e seus agentes", e transferir os representantes diplomáticos para Stanleyville, "Capital provisória do Congo". Um comitê congolês especial foi constituído para examinar a situação.

Um mês mais tarde, em fevereiro de 1961, foi fundado o Fundo de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos, em Conakry. Ismail Touré, da Guiné, foi eleito seu presidente e Mehdi Ben Barka, do Marrocos, e Chu-Tse-Ki, da China, vice-presidentes. Outros membros nas comissões diretoras desse Fundo foram a República dos Camarões (a UPC, pró-chinesa), a Indonésia, a RAU e a União Soviética. O Fundo tornou-se o meio concreto pelo qual a AAPSO enviou ajuda aos movimentos de libertação da África e Ásia. Em uma segunda reunião do Fundo de Solidariedade em Conakry, em junho de 1961, "os esforços pela libertação da Argélia, Angola, Congo, Camarões, Vietnã do Sul, Laos e Iriã Ocidental" foram debatidos e ficou decidido que se levassem em conta os "movimentos progressistas de todos os países democratas do mundo inteiro", pedindo ajuda para os mesmos (20).

O CONFLITO SINO-SOVIÉTICO

Em 1961 nuvens tempestuosas haviam se amontoado sôbre a AAPSO que deveriam dar um fim abrupto à solidariedade que existira entre os comunistas e os nacionalistas africanos e asiáticos. Na sessão do Conselho da AAPSO, realizada em Bandung, Indonésia, em abril de 1961, a desavença entre a União Soviética e a China Comunista surgiu pela primeira vez em público. Desde aquêlê instante tôdas as atividades do Movimento de Solidariedade Afro-Asiático foram afetadas pela cisão sino-

(17) A.F.P., Cairo, 10 de dezembro de 1960.

(18) A.F.P., Beirut, 14 de novembro de 1960. Apenas o delegado liberiano opôs-se à proposta.

(19) Rádio de Damasco, 21 de janeiro, 1961.

(20) Agence Guinéenne de Presse, 31 de julho de 1961.

soviética e pelos esforços feitos, por chineses e russos, para atraírem para seu lado os membros da AAPSO. Com isto, particularmente os membros africanos, geralmente menos identificados com um ou outro lado do que seus colegas asiáticos, tornaram-se objeto de atenção exagerada provinda de ambas as partes. Doações, visitas a Moscou e a Pequim, concessão de bolsas-de-estudos, propostas de ajuda, tornaram-se comuns e a AAPSO surgiu como um dos principais campos de batalha entre chineses e russos e na primeira fase da luta sino-soviética os chineses ganharam a dianteira, especialmente entre os delegados africanos. Houve um certo número de pontos ideológicos na disputa entre a União Soviética e a China para os quais os africanos foram atraídos. Entre eles as questões principais eram as da coexistência pacífica e do desarmamento e a importância dos elementos não-comunistas e nacionalistas nos movimentos nacionais de libertação, frente aos partidos comunistas, considerados como a vanguarda da revolução anticolonial.

Entre os africanos muitos suspeitavam da insistência dos soviéticos pela coexistência pacífica e pelo desarmamento. Sentiam que os russos estavam dispostos a sacrificar a luta pela libertação dos povos não-independentes pela causa da coexistência pacífica. Tais sentimentos vieram à tona durante a Segunda Conferência de Escritores Afro-Asiáticos⁽²¹⁾, instalada no Cairo, a 12 de fevereiro de 1962, pelo Ministro da Cultura egípcio Tharwat Ukasha, na presença de 300 delegados de 45 países⁽²²⁾. Os chineses logo tomaram a ofensiva contra os russos. Segundo relata Colin Legum, “em um debate sobre guerra e paz acusaram os russos de terem confundido intencionalmente as prioridades dos temas. Eles forçaram a discussão sobre a seguinte questão: “você são pela paz ou pela independência africana?” Acusaram os russos de dar prioridade ao desarmamento e à coexistência pacífica em lugar da luta pela libertação colonial”⁽²³⁾. Nas discussões, a maioria dos delegados africanos ficou ao lado dos chineses e na questão do desarmamento *versus* a luta antiimperialista os chineses foram vitoriosos⁽²⁴⁾. A proposta soviética de desarmamento não teve acolhida.

Durante todo o ano de 1962, os chineses aumentaram sua pressão contra os russos dentro do Movimento de Solidariedade. Tal pressão foi particularmente notada durante a conferência de advogados afro-asiáticos, em Conakry, de 15 a 20 de outubro de 1962, e durante a reunião do comitê preparatório para uma conferência de jornalistas afro-asiáticos, que se realizou em Jakarta, de 10 a 15 de fevereiro de 1963. Essas duas “organizações filiais” do Movimento de Solidariedade Afro-Asiático tornaram-se iam baluartes em defesa dos chineses.

(21) A primeira foi realizada em Tashkent, a 7 de outubro de 1958.

(22) *Arab Observer*, Cairo, 19 de fevereiro de 1962. Segundo Colin Legum, houve 200 delegados de 40 países — *Observer*, Londres, 11 de março de 1962. Como as listas oficiais de delegados usualmente não eram feitas durante a maior parte das conferências afro-asiáticas, muitas vezes era bem difícil saber-se quantos delegados se achavam presentes durante as mesmas.

(23) *Observer*, Londres, 11 de março de 1962.

(24) *Ibid.*

O clímax da ofensiva chinesa, ou pelo menos o êxito da mesma, foi alcançado durante a terceira assembléia plenária de AAPSO, desta feita realizada na pitoresca estação de veraneio de Moshi, em Tanganica, de 4 a 10 de fevereiro de 1963. Moshi dever-se-ia tornar o ponto mais alto alcançado pela influência chinesa no Movimento de Solidariedade. Nunca mais poderiam os chineses alcançar tal vitória sobre seus oponentes russos e indianos como naquela conferência.

O conflito sino-indiano já havia começado a influenciar as relações oficiais afro-asiáticas. Agora, deveria também abrir brechas na frente de solidariedade de AAPSO. Desde o início da Conferência o conflito era grande. Os indianos se achavam instintivamente belicosos e determinados a forçar uma decisão. Os chineses porém opuseram-se fortemente a que o assunto fôsse discutido. E argumentaram que o problema estava sendo objeto de negociações amigáveis. E assim qualquer pronunciamiento da Conferência não poderia atingir a nenhum propósito útil. A argumentação era razoável e a maior parte dos africanos presentes concordou, de bom grado, com o ponto-de-vista dos chineses. Afinal, por que trazer à baila questões de família quando havia bem próximo um assunto muito mais importante — o da expulsão dos imperialistas da África? Os chineses, realmente, se apresentavam em Moshi do modo mais atraente possível. O discurso de Lin Ning-yi, chefe da delegação, foi muito bem recebido. Apresentou uma proposta de seis pontos em prol da união contra o imperialismo que não poderia deixar de impressionar seus ouvintes. Tal proposta incluía os seguintes tópicos: a) apoio à justa luta pela independência por parte dos povos que ainda não a haviam conseguido; b) todos os países, grandes ou pequenos, são iguais e sua independência, soberania e integridade territoriais são sagradas e invioláveis; c) os cinco princípios da coexistência pacífica e os princípios de Bandung deveriam ser a base da cooperação e assistência mútua entre os países afro-asiáticos. Era a repetição da atuação de Chou En-lai em Bandung, e se as palavras de Lin Ning-yi soaram para muitos como frases ôcas, em vista da disputa de fronteira dos chineses com a Índia, elas exprimiram os sentimentos de muitos delegados presentes, particularmente dos africanos. Por outro lado, a ênfase dada pelos russos às questões do desarmamento e da coexistência pacífica (não só entre os países afro-asiáticos) causou um impacto bem menor⁽²⁵⁾. Uma reação tipicamente africana foi a de Camara Mamady, da Guiné, que declarou: “Estamos dispostos a concordar com o desarmamento, porém isto não poderá restringir nossa luta pela independência nacional. Realmente acreditamos ser a luta pela liberdade um dos componentes da paz, porque efetivamente não pode haver paz sem liberdade”⁽²⁶⁾. Quanto ao

(25) O tema principal do discurso feito pelo Chefe da delegação soviética foi o seguinte: “É possível alcançar-se a vitória total no movimento nacional de libertação sem o sacrifício de centenas de milhares de vidas humanas. Não há necessidade de intensificar-se a luta pelo desarmamento e pela suspensão das armas nucleares.” TASS, 6 de fevereiro de 1963, citado pela BBC Monitoring, MEC/117/E/1.

(26) BBC, *ibid.*

conflito sino-indiano, a reação africana foi igualmente inequívoca. Por isso fez M'Biju Koinange, Secretário da PAFMECA⁽²⁷⁾, o seguinte comentário: "Os africanos não desejam que se ventilem problemas internos controversos. Deve-se dar prioridade à luta contra o imperialismo e o colonialismo e à libertação do resto da África"⁽²⁸⁾. E o comentarista da Rádio de Brazzaville declarou: "Muitos países africanos crêem que a tarefa principal da Conferência é incentivar a luta contra o imperialismo e evitar arrancar a tênue planta da solidariedade afro-asiática, discutindo temas tais como Israel, as relações entre a Índia e o Paquistão, o conflito sino-indiano, Bornéu, etc..."⁽²⁹⁾.

Os africanos em Moshi tentaram afirmar-se gradativamente, porém os chineses, os russos e os egípcios levavam a melhor. O Presidente Nyerere, de Tanganica, que proferiu o discurso inaugural, afastou-se do estilo usual das declarações da AAPSO e procurou ao invés disso, restaurar a atmosfera do verdadeiro não-alinhamento. "Muitíssimas vezes os mais fracos entre nós são considerados como nada mais que peões no conflito da Guerra Fria", declarou êle. O mundo estava assistindo a um segundo "avanço sobre a África", "não só por parte das forças do capitalismo". E êle ressaltou o seu ponto-de-vista acrescentando que todos estavam presenciando o início de uma futura luta internacional de classes entre os países ricos e países pobres, "com países capitalistas e socialistas de ambos os lados do conflito. Esta é a futura divisão do mundo — uma divisão em classes, não uma divisão ideológica"⁽³⁰⁾. Porém o único orador além dêsse que falou do mesmo modo foi, de maneira bem significativa, Jomo Kenyatta, que foi recebido como um herói ao chegar para a sessão de encerramento. Kenyatta, assim como o fizera Nyerere, ignorou a atmosfera predominante na Conferência; em vez disso, advertiu os delegados "contra o uso automático de *slogans*, contra o fato de se preocuparem demais com uma fixação acêrca do imperialismo, sem definirem positivamente as suas tarefas e encararem o desafio da construção da nação como unidade". Contudo, no ambiente violento, combativo e antiimperialista de Moshi, tal conselho mal poderia ter causado efeito⁽³¹⁾.

Os africanos tinham esperado poder exercer uma influência sobre a conferência e, dêsse modo, sobre o Movimento de Solidariedade como um todo, muito maior do que a que eventualmente exerceram. Os delegados da PAFMECA, por exemplo, tentaram formar um bloco por iniciativa de Koinange, Secretário Geral da Organização. Mas a delegação de Quênia mal existia, cada membro trabalhando por si mesmo; os ugandenses eram fracos e passivos; os rodesianos do norte e do sul entra-

(27) Pan-African Mouvement for East and Central Africa.

(28) *L'Essor*, Bamako, 8 de fevereiro de 1963.

(29) Rádio Brazzaville, 7 de fevereiro de 1963, citado pela BBC, *ibid*.

(30) Nota de Imprensa fornecida pelo Tanganykan Information Service, 4 de fevereiro de 1963.

(31) Um dos únicos oradores a fazer uma breve referência ao "avanço sobre a África", do Presidente Nyerere, foi o delegado marroquino, Mehdi Ben Barka, durante um discurso cuidadosamente elaborado — vide documento da Conferência n.º 145/111.

ram em conflitos internos, enquanto russos e chineses procuravam atraí-los para seu lado; quanto aos tanganicanos, como anfitriões, estavam por demais ocupados e no centro dos acontecimentos para participar de um bloco. Dessa forma, os esforços da PAFMECA foram pouco frutíferos. Quanto aos africanos de língua francesa da África Ocidental, brilharam pela ausência. Os ganenses haviam prosseguido na sua oposição mal dissimulada à AAPSO. O Presidente Nkrumah telegrafara, realmente, ao Secretário-Geral da AAPSO, pouco antes da Conferência de Moshi, instando com êle para que se adiasse a assembléia. O momento era inoportuno, declarara, por causa do conflito sino-soviético. Sua proposta não foi aceita, o que evidentemente não tornou os ganenses mais simpáticos à Conferência.

Esta terminou com as resoluções usuais condenando o imperialismo, apoiando os movimentos pela libertação nacional e apelando pela solidariedade afro-asiática em um número ainda maior de setores. Uma das poucas resoluções concretas, apresentada por Odinga Oginga, de Quênia, nunca foi concretizada: a da fundação de uma Universidade de Solidariedade Afro-Asiática, em Tanganica. Os indianos partiram desapontados e furiosos. Para êles, Moshi havia sido uma lição de cinismo afro-asiático. Os russos, como foi confirmado nos comentários da imprensa soviética, achavam-se tristes e desiludidos após a longa estada de uma semana à sombra do Kilimanjaro⁽³²⁾. Os africanos partiram com sentimentos confusos. Houve os que concordaram com o porta-voz do principal partido político da Nigéria Oriental, o NCNC, que comentara: "Uma impressão desagradável foi a de constatar-se que o objetivo da conferência fôra o de prover plataformas para que elementos da minoria se empenhassem numa vil propaganda contra seus próprios Governos"⁽³³⁾. Contudo, a última palavra quanto ao ceticismo foi, sem dúvida, a do *Sunday Nation*, de Nairobi, qu publicou o seguinte comentário: "Se a conferência de Moshi conseguiu algo além das resoluções usuais, foi revelar que até mesmo irmãos podem cortar a garganta uns dos outros"⁽³⁴⁾.

CRISE E DECLÍNIO

Os governos foram ficando desiludidos gradativamente com a AAPSO. Tal tendência aumentou rapidamente, após a conferência de Moshi. Doravante, a África teria de ser ouvida, durante as atividades da AAPSO, mais através dos movimentos de libertação de territórios não-indepen-

(32) Assim foi o comentário de V. Kudryavtsev no *Mezhdunarodnyia Zhissn*, 5, 1963, pp. 51-6 (o artigo apareceu em inglês no *International Affairs*, Moscou, maio de 1963): "Têm havido mudanças no ambiente dessas conferências desde a primeira realizada no Cairo, em 1957, mas nem tôdas essas mudanças foram para melhor..." E continuava: "Em geral, há o perigo de se dar ao movimento de solidariedade as características de uma largada nacionalista, e tal perigo tornou-se evidente durante a Conferência de Moshi."

(33) *Daily Times*, Lagos, 9 de fevereiro de 1963.

(34) *Sunday Nation*, Nairobi, 17 de fevereiro de 1963.

dentes e dos grupos oposicionistas, ainda que numerosos países africanos continuassem, a ser representados por delegações oficiais. A crescente impaciência africana em relação a liderança comunista e egípcia e a luta entre chineses e russos, foi expressa na reunião do comitê executivo da AAPSO, realizada em Nicósia, em setembro de 1963. Os africanos não podiam entender o ataque chinês contra o *Test Ban Treaty* de Moscou, ao qual calorosamente aprovavam, nem estavam dispostos a aceitar cegamente a fúria do ataque chinês, ou os tons suaves do racismo que os chineses usaram contra os “brancos” russos. Sentiam que a união e a solidariedade do Movimento Afro-Asiático estavam sendo minados por tais manobras. Esse temor foi expresso em uma mensagem privada do então Presidente Kwame Nkrumah, endereçada aos participantes de Nicósia pelo delegado ganense, Nathaniel Welbeck. Nkrumah pediu que se reforçasse a solidariedade afro-asiática formando laços firmes com a América Latina. “Isto destruirá qualquer manifestação de racismo que possa desviar nossa luta anticolonialista. Nossa meta deveria ser a união dos países socialistas, pois somente tal união poderá ajudar-nos na luta contra o imperialismo e o colonialismo. Deveria ser do nosso interesse que tal conferência atraísse fortemente a China e a União Soviética, a fim de eliminar-lhes as divergências para que se juntassem novamente e sem demora. A solidariedade afro-asiática também não deveria perder sua força anticolonialista e antiimperialista. Os afro-asiáticos deveriam evitar toda a forma de racismo e discriminação nessa luta. Combatemos não contra raças, credos ou côres. Estamos lutando contra um sistema econômico cujo fito é o de explorar-nos e o de conservar-nos num estado de sujeição perpétua”⁽³⁵⁾.

A mensagem de Nkrumah teve grande efeito sobre os delegados africanos em Nicósia. Acidentalmente ou não, ajudou a lançá-los no campo pró-soviético e encorajou-os a se defenderem, o que fizeram com firmeza. Falando da reunião de Nicósia, Nathaniel Welbeck, delegado de Gana, declarou: “Pela primeira vez na história do Movimento de Solidariedade Afro-Asiático, senti-me orgulhoso ao ouvir os africanos falarem com franqueza e sem inibição ou compromisso com qualquer grupo”⁽³⁶⁾.

Esse impacto africano sobre a Conferência de Nicósia foi descrito nos seguintes termos pelo correspondente do *Indian Express*: “O resultado da reunião executiva da AAPSO, em Chipre, na semana passada, trouxe uma grande experiência para a Índia — a da importância da opinião africana em conclave afro-asiáticos. O desconforto e o isolamento da China durante tal reunião foram causados principalmente pela opinião hesitante da África cristalizada em um sólido bloco em apoio da Índia e da União Soviética... Impacientes líderes africanos reclamaram contra os chefes chineses por discursarem demais e também acusaram de

(35) A mensagem de Nkrumah foi obtida pelo autor por intermédio de um dos participantes da Conferência.

(36) *Ghanaian Times*, Acra, 17 de setembro de 1963.

introduzirem o racismo no movimento afro-asiático, quando pediram a inclusão de um "asiático" no comitê de três membros composto apenas por africanos. O delegado de Tanganica demonstrou que o pedido dos chineses fôra uma prova de falta de confiança nos africanos" (37).

Um dos efeitos da derrota chinesa em Nicósia foi a tendência progressiva por parte da China e seus aliados para patrocinarem a ação afro-asiática fora da esfera da Organização de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos e de seu Secretário Permanente, com sede no Cairo. Tal disposição, que começou em 1963, levaria à cisão do Movimento de Solidariedade Afro-Asiática. Os primeiros sintomas desse movimento chinês foram a criação da Associação de Jornalistas Afro-Asiáticos, em Jakarta, em abril de 1963 e o contrôlo sobre a Associação de Advogados Afro-Asiáticos, em outubro do mesmo ano. Tal movimento agora se achava consideravelmente ampliado. Mas ao mesmo tempo a batalha sino-soviética continuava firme dentro das fileiras da AAPSO. Ela alcançou seu clímax na reunião do Conselho da AAPSO, na Argélia, em 23 de março de 1964. Aí "a disputa sino-soviética ultrapassou tudo que fôra visto anteriormente", escreveu *Le Monde* (38), citando um delegado de Quênia que afirmara em uma das comissões: "Não somos marxistas-leninistas e a maior parte de nós não leu uma única linha de *O Capital*. Portanto, que interesse podemos ter em suas questões doutrinárias? Já estou farto dessa situação que faz com que quando eu vou comer um sanduíche seja abordado por alguém que deseja saber minha opinião sobre a posição soviética e quando vou tomar um café, por alguém que me faz perguntas acêrca dos argumentos chineses. Quero poder comer em paz".

A crise do Movimento de Solidariedade aprofundara-se tanto que sua sobrevivência estava em perigo. Os egípcios, auxiliados pelos argelianos, lutavam desesperadamente para restaurar alguma aparência de união, pelo menos nas atividades do Secretariado do Cairo. Segundo um despacho da AFP, do Cairo, "a pedido dos africanos e principalmente dos argelinos, os debates do Cairo se ocuparam menos da ordem-dia que sobre problemas fundamentais: os de impedir o esfacelamento da organização" (39); enquanto o *Times* de Londres comentava: "A questão ideológica entre a Rússia e a China tem-se refletido há algum tempo na Organização de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos. Ultimamente, havia pôsto em perigo até mesmo a própria existência da organização. Uma reunião prolongada do Secretariado da AAPSO terminou no Cairo, no mês último, sem que se chegasse a nenhum acôrdo" (40).

Porém, nem os russos nem os chineses, nem certamente os egípcios, achavam-se dispostos a presenciar o fim do Movimento de Solidariedade. O Secretariado não permaneceu agonizante por muito tempo. Os com-

(37) *Indian Express*, 24 de setembro de 1963.

(38) *Le Monde*, Paris, 28 de Março de 1964.

(39) AFP, Cairo, 10 de abril de 1964.

(40) *The Times*, Londres, 30 de julho de 1964.

promissos acêrca dos problemas em pauta foram cumpridos. Planejaram-se novas atividades afro-asiáticas: em setembro de 1964, realizou-se uma conferência afro-asiática sôbre seguros; em outubro, houve uma conferência médica na Capital do Egito, assistida por delegados de 36 países da África e Ásia. E um porta-voz do Secretariado anunciou que quatro conferências afro-asiáticas “profissionais” estavam sendo planejadas para o Cairo, em 1965, tratando de navegação, operações bancárias, turismo e administração⁽⁴¹⁾, enquanto na Argélia inaugurava-se um Seminário Econômico Afro-Asiático, em fevereiro de 1965.

O seminário notabilizou-se pela ausência da luta sino-soviética. Tanto os russos como os chineses pareciam constrangidos. Em tais circunstâncias foi significativo que os seus resultados estivessem muito mais próximo da maneira de pensar dos chineses do que da dos soviéticos. Demonstrou que sem pressão e sem exibicionismos um grande número de delegados africanos eram muito mais favoráveis à linha militante chinesa do que à mais moderada linha soviética. Não quer dizer que tais delegados fôssem pró-chineses e anti-soviéticos. Longe disso. *Politicamente* muitos eram pró-soviéticos; mas ideologicamente apoiavam os chineses. Tal dualismo, que já aparecia no Seminário Econômico da Argélia, dever-se-ia tornar uma das características predominantes do Movimento de Solidariedade, e foi particularmente visível, durante a Primeira Conferência de Solidariedade dos Povos da África, Ásia e América Latina, realizada em Havana, em janeiro de 1966. Entre as resoluções que deram aos chineses uma alegria particular, na Argélia, achava-se a condenação do “contrôle e manipulação da Organização das Nações Unidas pelos imperialistas dos Estados Unidos”⁽⁴²⁾, o pedido de auxílio aos movimentos de libertação mediante a oferta de armas, dinheiro e treino militar⁽⁴³⁾ e o esforço para a confiança em si próprios, na formação de economias nacionais independentes⁽⁴⁴⁾.

Essa tendência para a linha chinesa ao encararem os problemas foi também predominante em Winneba, Gana — a última das grandes conferências afro-asiáticas a ser realizada antes do nascimento da Organização de Solidariedade Tricontinental, em Havana, em janeiro de 1966. A ênfase dada por Nkrumah à ajuda aos movimentos de libertação nacional em luta contra os remanescentes do colonialismo na África ajustou-se admiravelmente ao pensamento dos chineses. Na maioria das disputas em Winneba poder-se-ia assistir os delegados do Mali, Tanzânia, dos dois Congos, da Bechuanalândia e do Sudoeste Africano seguindo a linha chinesa enquanto muitos outros, inclusive os ganenses, tomavam o partido dos chineses quanto aos problemas relacionados com o colonialismo e imperialismo. Refletiu-se tal atitude nas resoluções de Winneba, que defendiam a necessidade da “violência revolucio-

(41) *al-Akhbar*, Cairo, 13 de outubro de 1964.

(42) AFP, Argélia, 28 de fevereiro de 1965.

(43) *Egyptian Gazette*, Cairo, 1.º de Março de 1965.

(44) Rádio de Argel, 1300 GMT, 28 de fevereiro de 1965, citado na BBC Monitoring ME/1799/EZ/1.

nária". Autorizaram, ainda, a luta armada, mencionando especialmente o Congo — Leopoldville, o Níger, a Malásia, o Marrocos, o Vietnã do Sul, a Tailândia, a Venezuela e os territórios não-independentes da África e Ásia como países amadurecidos para a revolução interna e para a luta armada. Rejeitaram a idéia de cexistência pacífica como inexpressiva, a não ser que os imperialistas cessassem suas atividades nas áreas em desenvolvimento. Tôdas essas questões afetavam diretamente aos africanos. Eles podiam apoiar tais resoluções sem demonstrar que estavam tomando partido no conflito sino-soviético. Contudo, nas questões em que não tinham interêsse direto, os africanos apoiavam, em cheio, os russos. Assim, apenas cinco delegações apoiaram a proposta chinesa de condenar as Nações Unidas, ou seus esforços para impedir a presença de observadores durante a conferência dos países do Leste europeu. Tais assuntos não se referiam diretamente à luta contra o colonialismo e, portanto, não houve qualquer interêsse em sustentar as propostas dos chineses.

A conferência de Winneba foi o último esforço por parte dos africanos para dominar o Movimento de Solidariedade. Foi essa a primeira vez em que os ganenses serviam de anfitriões a uma reunião de solidariedade e pretendiam tirar o máximo proveito de tal oportunidade. Seu objetivo era semelhante aos dos tanganicanos, em Moshi, isto é, tornar a voz africana ouvida e fazer com que o movimento servisse exclusivamente aos interêsses dos que sofriam sob o colonialismo e não aos interêsses dos russos, chineses ou egípcios. "A nossa missão é falar pouco e construir uma organização militante e eficiente, que elimine o imperialismo, o colonialismo e o neocolonialismo", comentou Kwaku Boateng, ministro ganense da Educação⁽⁴⁵⁾. Os ganenses, porém, não tiveram melhor sorte do que os tanganicanos. As esperanças dos africanos e dos asiáticos, que não se haviam definido quanto à luta sino-soviética, de injetarem vida nova ao Movimento de Solidariedade, mais uma vez fracassaram. A liderança na base das "alternativas" provou ser fraca demais para impedir os delegados de se dividirem em grupos pró-soviéticos e pró-chineses. A Rádio de Abidjan não mediu as palavras ao resumir a conferência: "Que foi que se conseguiu? A verbosidade usual da dialética comunista internacional que disfarça seu imperialismo atuante..."⁽⁴⁶⁾.

Winneba foi a última grande conferência da AAPSO a ser realizada antes da formação da Organização de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos e Latino-Americanos. No início de 1968, as duas organizações ainda existiam lado a lado, uma com base no Cairo, a outra centralizada em Havana, onde os temas "luta armada" e "guerra popular" haviam-se tornado o grito de batalha do Movimento. A Organização de Solidariedade Afro-Asiática, rompida e dividida mais do que nunca pelo conflito sino-soviético, tornara-se uma paródia ao seu próprio nome. Os

(45) AFP, Winneba, 13 de maio de 1965.

(46) Ivory Coast Domestic Radio Service, 1245 GMP, 18 de maio de 1965, citado pela BBC Monitoring.

únicos africanos que ainda a levavam a sério eram os *have-nots* — os movimentos de libertação de territórios não-independentes e os exilados que sonhavam com a derrubada de seus governos — e os comunistas africanos. E embora numerosos governos ainda enviassem delegações oficiais às reuniões da AAPSO, alguns, pelo menos, assim o fizeram mais por temer que, abandonando seus lugares, estes seriam preenchidos por elementos da oposição; enquanto outros o fizeram como parte da consideração devida ao Afro-Asianismo.

CONCLUSÃO

Para terminar este ensaio sobre a participação africana no Movimento de Solidariedade Afro-Asiático, devemos fazer três perguntas: qual a relação entre a AAPSO e o movimento pan-africano? por que os africanos participaram da AAPSO? e por que a AAPSO não se desenvolveu a contento sobre o solo africano?

Desde o início, como vimos, existiu certa rivalidade entre os objetivos pan-africanos, centralizados em Acra e as diretrizes afro-asiáticas do Cairo. À conferência do Cairo da AAPSO, em dezembro de 1957, seguiu-se a Primeira Conferência dos Estados Africanos Independentes, em Acra, em abril de 1958. A Primeira Conferência Afro-Asiática Sobre Economia, que foi realizada no Cairo em dezembro de 1958, coincidiu com o Congresso de Todos os Povos Africanos, que se iniciou no mesmo dia, em Acra. De acordo com Colin Legum, tal coincidência não foi acidental. O pan-africanismo era ainda considerado pelos comunistas naquela época um movimento reacionário, enquanto Nkrumah era descrito como um “nacionalista burguês”. Os comunistas, por isso, ficaram apreensivos quando Nkrumah convocou a Conferência dos Estados Africanos Independentes e, segundo Legum, “a Rússia e a China resolveram tomar medidas preventivas, persuadindo um relutante Coronel Nasser a antecipar-se ao movimento de Acra, criando o Movimento de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos, no Cairo, em fins de 1957” (47).

Tal análise é uma supersimplificação. A idéia da conferência de Acra foi inicialmente debatida em março de 1957, enquanto a proposta de um Movimento de Solidariedade Afro-Asiática foi feita em dezembro de 1956. Não obstante, a suposição lançada por Legum de que a AAPSO foi planejada tanto pelos comunistas como pelos egípcios, a fim de substituir o nacionalismo pan-africanista de Nkrumah, parece ser amplamente apoiada pelos acontecimentos. Os dois movimentos, desde o início, tornaram-se alternativos. Como salientou *The Times*, em 1958 (48): “Nkrumah terá de optar sobre a ênfase a ser dada à extensão do movimento afro-asiático ou ao desenvolvimento independente daquilo que foi descrito como a “personalidade africana”.

(47) C. Legum, “Pan-Africanism and Communism”, em S. Hamvell (ed), *The Soviet Bloc, China and Africa*, Londres, 1964, p. 22.

(48) *The Times*, Londres, 10 de abril de 1958.

Nkrumah e a maioria dos nacionalistas africanos escolheram a linha de conduta africana. Com excessão de Mahmud Fawzi, Ministro do Exterior da República Árabe Unida, todos os oradores da Conferência de Estados Africanos Independentes, em Acra, fizeram da união africana o tema principal de seus discursos. Mas em 1958 a maior parte da África ainda não havia obtido a independência. Sòmente oito países independentes assistiram à Conferência de Acra, cinco dos quais eram árabes. O pan-africanismo, naquele tempo, foi melhor expresso pelo Congresso de Todos os Povos Africanos também realizado em Acra; 200 delegados de 25 territórios africanos estiveram presentes à Conferência da AAPC, em Acra, a 8 de dezembro de 1958 e ouviram Nkrumah fazer a sua célebre paráfrase a Marx: "Povos da África, uni-vos; não temos a perder senão as nossas cadeias" (49). Efetivamente, o objetivo do Secretariado Permanente da AAPC em Acra era promover o entendimento e a união entre os povos da África, a fim de acelerar a libertação da África do imperialismo e do colonialismo, desenvolver a idéia de ser a organização uma comunidade de povos africanos, com o fim de fazer surgir os Estados Unidos da África (50).

Isso se achava a grande distância dos objetivos da AAPSO. Mas a AAPC foi atropelada pelos acontecimentos. Como a maioria dos territórios africanos havia obtido a sua independência, a África exigia um responsável, através dos seus governos. Surgiu a necessidade de uma Organização dos Estados Africanos. Segundo as palavras de Tom Mboya, do Quênia, "a AAPC não era o organismo adequado a exercer tal função, e por isso sua influência havia começado a diminuir... presenciamos o término de conferências pan-africanas do tipo da AAPC" (51).

Assim, desde o início, aos olhos de muitos dos africanos mais responsáveis, o Movimento de Solidariedade Afro-Asiático foi considerado inferior ao AAPC, e posteriormente à Organização dos Estados Africanos. Por que, então, os africanos participaram da AAPSO?

A resposta é dupla. De uma parte, havia um sentimento real de solidariedade entre os *have-nots* desta parte do mundo; de outra, os movimentos nacionalistas da África sentiam necessidade premente de exprimir seus sentimentos anticolonialistas. A AAPSO tornou-se uma plataforma admirável para tal fim, especialmente após a AAPC entrar em decadência. Além disso, certos governos africanos, não desejando êles próprios fazer declarações por demais irresponsáveis, viam na AAPSO uma válvula de escape para um excedente de energia nacionalista. Quanto à solidariedade dos *have-nots*, Mamadou Dia, líder nacionalista senegalês, denominou-a de "agrupamento de nações proletárias". Assim, "é o conhecimento da desigualdade econômica que dá origem a um sentimento proletário nacional, alinhando as nações da África e Ásia no mesmo campo de batalha contra o Ocidente" (52). E Dia prossegue: "Muito me-

(49) *The Times*, Londres, 9 de dezembro de 1958.

(50) *The Times*, Londres, 15 de dezembro de 1958.

(51) Tom Mboya, *The Student*, v. 8, n.º 12, dezembro de 1964.

(52) M. Dia, *African Nations and World Solidarity*, Londres, 1962, p. 13.

nos do que o marxismo-leninismo, é, como já dissemos, o sentimento de solidariedade na desigualdade, a fraqueza dos padrões de vida, a insuficiência dos serviços públicos, a presença de todos os elementos característicos do subdesenvolvimento, que provêm as bases mais sólidas para o nôvo proletariado, oficialmente constituído como o "Terceiro Mundo", desde a Conferência de Bandung" (53) .

Tal sentimento de solidariedade não é artificial, ao contrário, é vibrante, imediato, formando uma base sólida de camaradagem entre os povos do mundo ex-colonial subdesenvolvido. Por que, então, a AAPSO não se desenvolveu mais na África? A resposta parece ser a de que os africanos estavam em primeiro lugar procurando uma organização *africana*, através da qual pudessem expressar-se; e a AAPSO não era propriamente africana; realmente, como já vimos, a influência africana sobre a organização foi mínima. Quanto aos egípcios, não eram positivamente vistos como representantes dos interesses africanos (54) . Além disso, a AAPSO ignorava o desejo básico dos africanos de não-identificação com as grandes forças ideológicas e não-alinhamento com as grandes potências em luta. Havendo-se tornado tão somente um elemento da Guerra-Fria, não apenas entre o Oriente e o Ocidente, mas mesmo entre as posições soviética e chinesa do comunismo, a AAPSO envolveu seus membros africanos em problemas que sentiram não lhes pertencerem. A AAPSO não aceitou o não-alinhamento como também não o aceitaram os comunistas. Assim, um grupo tomava a decisão de envolver-se na Guerra Fria, enquanto outro denunciava a falência do não-alinhamento, o que tornou a política da Organização de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos inteiramente inaceitável à grande maioria de africanos responsáveis. Atualmente, ainda existe a AAPSO como a única expressão institucionalizada do afro-asianismo (55) . Mas uma expressão ôca, destituída de qualquer significado e objetivo a não ser para apoio aos fins opostos das forças estrangeiras. Tornou-se um campo de batalha de ideologias que não são propriamente africanas ou asiáticas. A conclusão é clara: se esta é a única organização política afro-asiática que existe atualmente, o afro-asianismo, como ideologia política que represente as aspirações dos dois Continentes, está morto.

(53) Ibid, pp. 20-22.

(54) Esta opinião foi expressa, *inter alia*, por Charles Cremeans em seu *The Arabs and the World*, New York, 1963, p. 255: "Embora dispostos a aceitar o auxílio da comunidade afro-asiática, eles (os africanos) acham que devam controlar o destino da África, e, pelo seu ponto-de-vista, os egípcios não podem ser qualificados como africanos."

(55) As reuniões dos representantes dos países africanos e asiáticos nas Nações Unidas, embora feitas com regularidade anual, podem ser consideradas como algo mais de uma tentativa formal, raramente bem sucedida, para conseguir unanimidade nas questões concernentes aos países dos dois Continentes. O grupo afro-asiático das Nações Unidas tem agido mais como meio de troca de idéias do que como um instrumento destinado a formular a política afro-asiática, e nos últimos dois anos não houve qualquer resolução importante na qual o grupo votasse como um só bloco.

BLACK AFRICA AND THE AFRO-ASIAN PEOPLES SOLIDARITY ORGANIZATION

The above article is a study of AAPSO as an organization and the general political relationship between Afro-Asian Countries.

The author examines the organization role of AAPSO from its inception to the present. After examining several stages AAPSO has passed through, he concludes that it has not been really effective as an organization in practical terms. Its importance lies in the fact that it serves as a symbolic expression of the Afro-Asian world. In this connection, AAPSO has sought to present a position in politics which is free from the domination of the big power blocks.

L'AFRIQUE NOIRE ET LE MOUVEMENT DE SOLIDARITÉ DES PEUPLES AFRO-ASIATIQUES

Cet ouvrage n'est pas seulement une étude sur l'existence de l'AAPSO, mais aussi un examen profond des relations entre les pays africains et asiatiques, du point de vue de leur rapprochement politique. C'est en tant qu'organisme international que l'AAPSO préoccupe d'abord primordiallement l'auteur qui étudie sa formation, ses activités et son évolution actuelle. En conclusion il déclare: "Actuellement, l'AAPSO subsiste encore comme la seule expression institutionnelle de l'Afro-Asianisme. Mais une expression vide, dépourvue de signification et d'objectifs sinon celui d'aider aux fins opposées des forces étrangères".